

Resenha: “Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia” de Byun-Chul Han

Jonathan Nunes de Freitas¹

A obra “Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia”² do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han é de relevância para o cenário atual das democracias ao redor do mundo, ao afloramento das questões filosóficas e a respeito das questões tecnológicas e digitais. Para uma melhor compreensão, é necessário contextualizar não somente quem é o autor, como também o ambiente ao qual a obra está situada. Escritor de diversas obras, relacionando ensaios referentes a filosofia – principalmente sobre sua principal linha de estudo que é a filosofia de G. W. F. Hegel – e o uso da tecnologia e seus produtos como, por exemplo, as redes sociais e seus impactos sobre os usuários. É por meio desta noção breve na qual Byung-Chul Han conduz sua discussão e adentra a seara da atuação entre informação e a democracia de sua mais recente obra.

Um ponto demonstrado pelo autor no primeiro momento de sua obra é a definição de *regime da informação* (HAN, 2022, p. 7), no qual é oposto as questões disciplinares de um regime, tendo em vista a dominação da informação processada por um *algoritmo* que determina seu resultado por meio dos processos sociais, econômicos e políticos. O filósofo nota que há uma divergência ao se observar a conceitualização proposta por Michel Foucault em relação ao *regime disciplinar* com a conceitualização feita por ele acerca do *regime da informação*. Não ocorre um desprendimento puro e simplesmente das concepções foucaultianas, mas um afloramento e nova visibilidade de seu pensamento.

A concepção do *regime da informação* interage com os sujeitos – condicionados a compor o regime – sendo que a permissão da dominação é aceita pelos próprios sujeitos, tal ato prove por parte de sua natureza dócil, pela *docilidade dos seus corpos* e sua utilização como mecanismo, engrenagens para a efetividade e progressão social, um ponto em comum com o regime de caráter retificador teorizado por Foucault (HAN, 2022, p. 8). Entretanto, ao definir o sujeito e sua atuação, o autor diverge de Michel Foucault, quando indaga: “Ao contrário, supõe-se livre, autêntico e criativo. Produz-se e se performa” (HAN, 2022, p. 9).

O *corpo dócil* é o ponto em comum, mas sua atuação difere-se justamente pelo desprendimento do escritor em não conceber o sujeito como alguém majoritariamente preso e isolado, não sendo possível por sua definição abrangente que se permite observar pelo fator do uso da liberdade onde o regime acaba se estabelecendo. Sendo perceptível apenas pela entrada e efetividade da comunicação e não do isolamento.

Outro ponto de crucial relevância e a nova perspectiva de direcionamento, não estando mais atrelado a uma noção *biopolítica* do regime – enraizada pelas questões dos dispositivos de

¹ Graduando de Licenciatura em Filosofia na Universidade de Sorocaba (UNISO).

² HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia**. 1ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

poder foucaultiano - e sim a uma concepção *psicopolítica*; uma política da exibição (HAN, 2022, p. 10) na qual exemplifica o filósofo a utilização do corpo como objeto de exibição pela vertente estética, o uso da liberdade e criatividade do sujeito inserido e sendo atrelada no funcionamento constante do *regime de informação*. A observação dos fatores que assemelham, divergem e complementam o pensamento oferecido no ensaio, o filósofo estabelece os princípios topológicos que fundamentam e exploram as noções do regime da informação:

[...] No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, *não pelo isolamento, mas pela conexão*. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente [...] (HAN, 2022, p. 13).

É notável a forma pela qual o regime da informação é concebido e como por diversos momentos é antagônico em determinados aspectos ao pensamento de Michel Foucault, encaminhando pelas vias da visibilidade e do compartilhamento, mas tendo similitude em relação a atuação de seu poder de dominação. Tal relação paradoxal ocorre pela disponibilidade de todo conteúdo estar acessível, simples e puramente na condição de informação (HAN, 2022, p. 15), possuindo somente ela como a “porta de entrada” para uma totalidade do conteúdo que condiciona a uma liberdade, em sua motricidade, é apenas aparente e não verdadeira. Apenas a alguns se tornam exceção disso que dispõem das informações colocada sobre a rede (HAN, 2022, p. 24).

Possuindo os fundamentos que acabam por gerar e locomover o regime, o filósofo retoma (HAN, 2022, p. 25) que mesmo entre as esferas que são apresentadas no início do texto, sendo estas: social e econômico, já a esfera da política e sua manifestação, demonstra como isso advém sobre as questões referentes a democracia e como a informação a encaminha, para a degeneração. Tal degradação ocorre por quem participa desta relação entre democracia, informação e regime; os componentes que circundam a difusão da informação e os resultados de todo o proceder das relações da própria comunicação sendo desenvolvido a frente.

Tratando-se genealógicamente dos sujeitos que utilizam e compartilham informação, um importante ponto para isto é a noção de que é um agente na forma de um discurso público, que por muitas vezes é realizado por pessoas atuantes do “próprio meio” (HAN, 2022, p. 27); levando assim ao que o autor intitulará de as questões de mídias eletrônicas voltadas para a massa, *midicracia*; e sua forma de poder converte-se ao entretenimento, *telecracia*. A relação entre as questões de *midicracia* e *telecracia* acabam por encaminhar a finalidade do discurso: “O discurso degrada-se em show e propaganda [...]” (HAN, 2022, p. 30). O que encaminha o rumo do discurso, da informação é por muitas vezes as questões inerentes da coação da felicidade como modo paliativo de se aplicar a informação e viver dos sujeitos (HAN, 2022, p. 33).

Observando os processos próprios para a estabilização dos sujeitos ou para o ambiente, ambos margeiam as questões de como se distribui o discurso de informação e os seus produtos de tais relações. Byng-Chul Han acaba demonstrando que: “O discurso é substituído por um

show eficaz ao público” (2022, p. 41). Retomando novamente e com isso reafirmando o caráter paliativo já presente sobre a sistemática do regime de informação.

É crescente a forma como a simplificação discursiva, refletindo diretamente sobre as questões democráticas. Isto se concretiza entre a ambiguidade da via de uma democracia direta, levando ao enrijecimento da presença física e a fluidez da comunicação, principalmente, emitindo-se respostas, *feedbacks* a isto (HAN, 2022, p. 47 – 48). Byung-Chul Han acaba por demonstrar que:

A comunicação digital provoca uma versão no fluxo de informações que tem efeitos destrutivos para o processo democrático. Informações são propagandas sem que se passem pelo espaço público. São produzidos em espaços privados. A rede não forma, assim, nenhuma esfera pública. Mídias sociais intensificam essa comunicação sem comunicação [...] (HAN, 2022, p. 49).

Tratando-se da forma pela qual as informações tomam seu rumo é notável que referindo-se à comunicação há uma fluidez. Tal seara da comunicação é concebida pela primordialidade da presença de quem incita a informação (HAN, 2022, p. 51 – 52), levando assim, a uma crise do discurso. A presença do outro, do sujeito, do *follower* (HAN, 2022, p. 48) sua atuação e a perda de sua fala fundamentam a crise democrática – situação provocada pela atuação da comunicação em posição antagônica as questões referentes a uma propagação de informação enquanto componente complexo, resultando assim em uma vida ao qual é anexada a rede e sobre a rede, criando assim esferas próprias de um público, uma *filter bubble* (HAN, 2022, p. 55). Em sua totalidade, este extenso processo não somente tem por prioridade o encaminhamento da informação enquanto compactação através do entretenimento puro e simples, afetando o que será intitulado pelo autor de *racionalidade comunicativa* (HAN, 2022, p. 57 – 60).

Há uma inerente complexidade acerca da esfera pública, tratando-se da informação que por meio da forma como ela deve interagir com a população, a *massa pura*. Isto ocorre por meio de uma equivalência funcional referente às relações comunicativas (HAN, 2022, p. 64). Tratando-se agora de uma *racionalidade digital*, sem um sustento propriamente necessário da comunicação, do discurso (HAN, 2022, p. 65).

Byung-Chul Han ao estabelecer as diferentes racionalidades e sua forma de atuar acabará por circundá-las sob o âmbito de uma análise de seus componentes, resultado sob os *followers*, a intitulando de *big data* como este necessário processo. Entretanto, a relação disso só será possível pela atuação panóptica da inteligência artificial como é indagado:

A inteligência artificial não fundamenta, mas calcula. Em vez de argumentos surgem algoritmos. Argumentos podem ser *aprimorados* no processo discursivo. Algoritmos, por sua vez, são *otimizados* continuamente no processo maquinal. Com isso, podem corrigir seus erros por conta própria. A racionalidade digital substitui o aprendizado discursivo pelo *Machine Learning*, pelo aprendizado das máquinas. Algoritmos pantominam, portanto, argumentos. (HAN, 2022, p. 66).

A origem da diferenciação da inteligência artificial, sua relação com a otimização de si mesma acaba se tratando com a íntima relação da própria com a *big data*, ou seja, os *followers*, os sujeitos dadaístas fazem parte de uma única relação – principalmente ao se tratar da democracia – nisto o autor indaga que: “Dará lugar a *infocracia* como *pós-democracia digital*. Políticos serão substituídos por especialistas e técnicos informáticos, que passarão a *administrar* a sociedade para além dos pressupostos ideológicos [...]” (HAN, 2022, p. 71). Novamente, essas questões referem-se a uma filosofia anterior, a filosofia originária da perspectiva *roussonian* (HAN, 2022, p. 72) onde a interação da inteligência artificial, os sujeitos e seus resultados é decorrente por meio de um *contrato social*. É em conjunto ao caráter do pensamento de Rousseau que é possível observar a relação ao qual a *infocracia* tomará, não sendo aparente, mas sendo intrínseca a quem está inserido sob a sua esfera.

Ao referir sobre a questão dos componentes de quem profere o discurso, as ações da atuação comunicativa a esfera ao qual a comunicação acaba se inserindo, a relação entre a informação e a Democracia e as questões que fundamentam a racionalidade da informação; Byund-Chul Han finaliza sua obra demonstrando que tudo isso leva a uma crise da verdade (HAN, 2022, p. 83). Crise esta a qual ele utiliza da perspectiva de um universo *desfactualado*. Um extravio da vontade sobre aquilo que é intitulado *novo niilismo*, advindo do pensamento de Nietzsche, possui como ponto da problemática; o que é citado no início da obra a respeito dos mecanismos de poder (HAN, 2022, p. 90).

As relações do denominador acabam retratando em duas possibilidades: com relação aos mecanismos de poder e com relação a ambivalência da informação; isso se dá justamente por uma relação social ao qual o ambiente não se torna simplesmente aparente, mas sim, como autoridade revestida de transparente. O filósofo demonstra que a democracia não tolera o *novo niilismo*. Novamente, ao finalizar sua obra, ele retoma a conceituação já retratada por Michel Foucault a respeito da verdade. A verdade acaba por manifestar o ruído de informação (HAN, 2022, p. 106).

Tratando-se por meio de uma perspectiva panorâmica, a recente obra de Byund-Chul Han acaba por tratar de uma questão extremamente atual, com exemplos e termos muito presentes na política, comunicação e uso da tecnologia atual. Demonstrando a fragmentação da democracia por meio do ato de comunicar. Principalmente, tratando-se de uma sociedade a qual possui como panóptico a informação e sendo circundada pela mesma. Não sendo simplesmente uma sociedade que necessita atuar com desempenho, mas uma sociedade que por meio de sua liberdade de comunicação torna-se para a aparência da verdade, uma nova aparência para a *faccional* da comunicação, nisto é que o autor se volta a relação de poder. Relação de poder não por algo aparente, e sim por uma sistemática transparente.